

Prefácio

O dia 28 de agosto de 1954 marca o primeiro centenário de nascimento de Antônio Pápi Júnior. E a Academia Cearense de Letras relembra o fato com a irrecusável justiça que se deve fazer ao Mérito.

Pápi Júnior foi acadêmico desde a reorganização da Academia em 1922, obtida sob as inspirações do presidente do Estado Justiniano de Serpa, até falecer em novembro de 1934, na sua casa da Avenida do Imperador, nesta cidade.

Ocupou, então, a Cadeira n. 34, para a qual não escolheu patrono. Na reorganização de 1930, ao tempo do governo Matos Peixoto, a sua Cátedra teve o n. 27, cujo patrono era Oliveira Paiva, o famoso autor de **D. GUIDINHA DO POÇO**. Hoje, é um dos 40 patronos: o da Cadeira n. 5.

Apesar de ter nascido no Rio de Janeiro, em 1854, integrou-se Pápi Júnior muito cedo na vida do Ceará, e por todos os títulos é considerado escritor cearense. Chegou aqui como simples praça de pré do Exército em 1875, a servir no 15.º Batalhão de Infantaria, e aqui ficou, depois de sua baixa militar em 1879, a tentar a vida de rapaz pobre e doente de “bronquite crônica com disposição à tuberculose

pulmonar". Trabalhou no comércio como caixeiro e como patrão, foi professor e guarda-livros.

"Envelheceu entre nós, respirando o nosso ar, sofrendo a influência do nosso meio, ocupando-se das nossas coisas, estudando a alma da nossa gente. E' êle, pois, um cearense de espírito e de coração, se não de origem" — disse um dos seus biógrafos.

E acrescentou, definindo-lhe muito bem a psicologia: "Raros escritores brasileiros terão uma vida tão genuinamente artística, tôda de concentração interior, porque Pápi Júnior, à feição de Vigny, tem consciência da superioridade do seu mister e, orgulhoso, solitário, vive entregue inteiramente ao culto sagrado da arte. Dá à primeira vista a impressão de uma alma fechada para a simpatia e para o amor, e só através de sua obra podemos rastrear-lhe a imensa piedade pelos humildes e os deserdados da fortuna. E' um escritor triste" (Sales Campos).

Realmente foi. O seu temperamento, a sua pobreza, e os traumatismos da calúnia e da incompreensão tornaram-no quase um esquisito. Não que se retraísse misantrôpicamente da sociedade, mas vivendo nela a seu jeito, sempre pelo espírito e para o espírito.

Era um intelectual, um artista em tudo, em todos os instantes. No teatro, no romance, na poesia, no conto; em tudo quanto escreveu sòmente arte lhe saía da pena. Pri-

mor, filigrama, estilo, às vezes até enfeitada demais a sua arte, tal a fôrça estética que morava dentro de si, estuante.

“A sua capacidade descritiva é uma riqueza, quase uma orgia de palavras, que chegam exatamente no momento e se enluram na descrição, como se fôsse mágico pincel traçando as linhas e as côres mais fiéis do retrato ou da paisagem — acentuou Raimundo Girão. Às vêzes o estilo se rebusca e encrespa, mas não vai ao abuso, antes conduz o descritivo à desejada acentuação, num calidoscópico de deslumbramento. Quer na tradução das situações psicológicas, intimamente humanas, dramáticas ou felizes, quer no apanhar o natural, trazendo aos olhos do leitor tôda a exuberância dos panoramas ou das coisas que descreve”.

Para o romance nacional preparou êsses três graníticos monumentos: O SIMAS, GÊMEOS e SEM CRIME, afora outros vários. Os três citados consagram o escritor no mais pleno dos triunfos. Lendo Pápi Júnior não pôde o grande José Veríssimo deixar de nêle ver “a mais perfeita envergadura de artista que se ufana a pátria de possuir”.

Para o conto brasileiro as suas mãos de esteta fabricaram o mais delicado labor. Na expressão de Braga Montenegro, que estudou a NATUREZA E EVOLUÇÃO DO CONTO CEARENSE, os seus contos são de “contagante emoção artística, destacando-se entre êles o intitulado “Cruz das Malvas”, premiado num concurso em S. Paulo, que

sugere a riqueza ambiental das melhores páginas de Bret Harte”.

Afim de registrar de modo mais evidente a passagem do centenário de nascimento de Pápi Júnior resolveu a Academia reeditar alguns dêsses contos, objeto da presente plaqueta. Infelizmente não foi possível encontrar aquêle maravilhoso “Cruz das Malvas”, nem mesmo através de buscas feitas nas bibliotecas da capital paulista.

Mas saem à luz da publicidade, novamente, outros em número de quatro, que o esquecimento desgraçadamente já empoeirara. São: A PARTIDA, publicado no jornal Libertador, em 1884; EXORCISMOS, na revista Jangada, em 1910; AS PASTILHAS DO IMPERADOR, no Ceará Ilustrado, em 1924, e ROSA DO CURU, no Diário do Ceará, em 1914, ao que parece, pois o recorte do jornal, que o contém, não identifica bem a origem.

Os leitores hão de sentir a beleza de concepção e descrição do notável “conteur” que foi Pápi Júnior.

E a Academia Cearense de Letras, proporcionando-lhes o conhecimento dessas verdadeiras jóias literárias, convence-se de que está prestando utilíssimo serviço à cultura mental do Ceará e do Brasil.